

O CORPO NEGRO NO DOMÍNIO DAS HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS: INTERPELAÇÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS EM APLICATIVOS DE INTERAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

The black body in the field of male homosexualities: interpellation about homoerotic representations in affective-sexual interaction applications

Francisco Arrais Nascimento

Doutor em Ciência da Informação

pesquisador autônomo

Francisco.arrais.nascimento@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4424-8844> 

Graziela dos Santos Lima

Mestra em Ciência da Informação

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: São Paulo, SP, Brasil

graziela.dsl@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3861-2937> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Objetivo: Compreender as autoneomeações e auto classificações praticadas em aplicativos de interação afetivo sexual norteando-se pelo marcador de raça no Brasil.

Método: estudo qualitativo de cunho documental, alicerçou-se em pesquisa bibliográfica, sob a forma de cartografia de documentos, tendo sua amostragem coletada em meio digital *Scruff* e *Grindr* (aplicativos *mobile* de interação social utilizado por homens que buscam relacionar-se afetivo-sexualmente com outros homens) recorrendo-se à técnica de Mineração de Textos por meio do software *Voyant Tools*, permitindo a visualização de correlações, coocorrências, fluxos e dispersão de temáticas textuais, além da técnica de análise de conteúdo para identificação dos principais assuntos contemplados no corpus.

Resultado: Em função na natureza abjeta com que o corpo negro foi historicamente construído tendo sua existência condicionada, as práticas laborativas e da exploração da sua força de trabalho seja ela no engenho, na lavoura ou como reprodutor onde o a hipermasculinização dos corpos tornaram os sujeitos vítimas de suas representações falocêntricas, o desejo se relaciona intimamente a objetificação dos corpos, engendrando uma complexa tessitura de silenciamento e de exclusão social.

Conclusões: Em sua auto classificação e autoneomeações, determinados sujeitos utilizam-se de termos que provocam deslizamentos de sentido, afastando-os de uma possível identidade homossexual e reforçando sua masculinidade, de forma a reforçar estereótipos e preconceitos fortalecendo uma hierarquização nas margens construídas socioculturalmente no decorrer da história.

PALAVRAS-CHAVE: Domínio das Homossexualidades. Representação. Corpo Negro. Autoneomeação. Auto classificação.

ABSTRACT

Objective: To understand the self-nominations and self-classifications practiced in sexual affective interaction apps guided by the race marker in Brazil.

Methods: qualitative study of a documental nature, based on bibliographic research, in the form of cartography of documents, with samples collected in digital media *Scruff* and *Grindr* (mobile applications for social interaction used by men who seek to relate affectively-sexually with others men) using the Text Mining technique through the *Voyant Tools* software, allowing the visualization of correlations, co-occurrences, flows and dispersion of textual themes, in addition to the content analysis technique to identify the main subjects covered in the corpus.

Results: Due to the abject nature with which the black body was historically constructed, having its existence conditioned, the labor practices and the exploitation of its workforce, be it in the mill, in the farming or as a reproducer where the

hypermasculinization of bodies made the subjects victims of their phallogocentric representations, desire is closely related to the objectification of bodies, engendering a complex fabric of silencing and social exclusion.

Conclusions: In their self-classification and self-nominations, certain subjects use terms that cause slips of meaning, moving them away from a possible homosexual identity and reinforcing their masculinity, in order to reinforce stereotypes and prejudices, strengthening a hierarchy on the margins socioculturally constructed throughout history.

KEYWORDS: Domain of Homosexualities. Representation. Black Body. Self-appointment. Self-classification.

1 INTRODUÇÃO

Imergir no domínio dos estudos de gênero utilizando-se de marcadores sociais de raça e sexualidade (SILVA, 2000), conferem a possibilidade de vislumbrar todo um subdomínio multifacetado e complexo alocado de forma subterrânea no tocante a narrativa histórica (POLLAK, 1989), uma vez que, a sexualidade e a própria construção social do sexo configuram-se como dispositivos disciplinares e biopolíticos que se instauram enquanto técnicas políticas necessárias para o governo das massas.

Em uma primeira aproximação com o fenômeno específico analisado, adotou-se a abordagem de Figari (2007) da interseccionalidade acerca do gênero, da sexualidade e inserindo o marcador de raça, de forma que, a materialidade formal foi dada pelas “relações eróticas/afetivas” estabelecidas em meio digital entre pessoas que de alguma maneira borram ou se “diferenciam” das interpelações normativas do discurso sexual dominante (Heteronormatividade), isto é, que se situam à margem da “binaridade sexual”. Configurando-se assim, enquanto uma estratégia que vislumbra a tentativa de controle simultaneamente individualizante e massificador (FOUCAULT, 1988; 2000), ajustando-as à dinâmica da produção e do consumo em ascensão na sociedade capitalista, onde a vida “[...] só é útil porque é, ao mesmo tempo, sã e dócil, ou seja, medicalizada e disciplinarizada” (REVEL, 2006, p.55-56).

Na construção social dos corpos negros, as relações estabelecidas no âmbito social por meio dos dispositivos de controle podem ser vislumbradas ao se lançar luz sobre zonas de sombra da sociedade que fazem uso do silenciamento, enquanto precursor do apagamento, parte constitutiva do dispositivo de controle social. Nesse interim, para um melhor entendimento do que se pretende discutir faz-se necessário a compreensão de determinados conceitos acerca da memória, do esquecimento, do apagamento e seus papéis na narrativa histórica acerca do corpo negro. Diante disso, sob a óptica dos sujeitos (pertencimento) Assmann (2011, p.146) afirma que “[...] a memória pertence a portadores vivos com perspectivas parciais; a história, ao contrário, ‘pertence a todos e a ninguém’, é objetiva e, por isso mesmo, neutra em relação a identidade”.

Halbwachs (1990) afirma que a memória é o resultado de uma reconstituição do passado dentro de um contexto de recordações comuns a determinado grupo, ou seja, só tem razão para um conjunto de indivíduos que fazem parte do mesmo meio social. A memória compartilhada por grupos classificados como marginais procura através de relatos, tornarem suas experiências fatos importantes para a história, uma vez que, as memórias desses grupos foram parciais ou totalmente apagadas da narrativa histórica em detrimento do Gênero, das Sexualidades, da Raça, da Classe Social e/ou da natureza geográfica de sua origem. Neste contexto pode-se destacar que a construção da memória ocorre em condições de interesses de poder, onde o dominante dita o que deve e o que não se deve ser lembrado pelo sujeito dominado. Essa seleção está em constante negociação com a memória individual de sujeitos ou de grupos (HALBWACHS, 1990).

Para Le Goff (1990, p.13) a “[...] matéria fundamental da história é o tempo”, diferentemente da Memória, que segundo Ricoeur (2007) tem por objeto a lembrança, tendo a recordação como processo de busca dessa lembrança, compreendendo que a lembrança é o resultado de um esforço de dupla atuação, tanto em favor da narrativa histórica, quanto dos movimentos de resistências que se manifestam em discursos margem/centro. É imprescindível compreender que em tal processo de busca o importante não é quem se lembra, mas sim o que é lembrado. Diante de tal concepção, se pode compreender a natureza político-ideológica do domínio da Memória, de onde emergem relações de poder envoltas em cenários que se interseccionam, hierarquizam-se em um movimento direcionado ao centro hegemônico, com o intuito de tornarem-se a norma.

Burke (1991) discorre acerca de tal processo, onde,

Frequentemente se diz que a história é escrita pelos vencedores. Seria possível dizer, de igual modo: a história é esquecida pelos vencedores. Eles podem permitir-se esquecer o que os vencidos, que não se conformam com os acontecimentos, veem-se condenados a ter em mente, a reviver e reconsiderar, sob a perspectiva do que poderia ter sido diferente (BURKE, 1991, p. 297).

Logo, ao suscitar a percepção de que existem discursos hegemônicos que regulam, normatizam, instauram normas e produzem “verdades” e assim prevalecem e são perpetuados, Le Goff (1990) reitera que:

[...] tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da

história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426).

Jelin (2002) conclui que,

[...] es entonces un espacio de lucha política, y no pocas veces esta lucha es concebida en términos de la lucha “contra el olvido”: recordar para no repetir. [...] La ‘memoria contra el olvido’ o ‘contra el silencio’ esconde lo que en realidad es una oposición entre distintas memorias rivales (cada una de ellas con sus propios olvidos). Esenverdad ‘memoria contra memoria’ (JELIN, 2002, p. 6).

Diante disso, ao compreender o esquecimento como a cessação da memória que se tinha e em tratando-se de uma ação involuntária que supõe deixar de conservar na memória alguma informação que tinha sido adquirida e voltar-se para as questões acerca dos silenciamentos, compreende-se diante do que fora exposto que os silenciamentos são dispositivos para a promoção do esquecimento. Sob as linhas de Foucault (2000, p. 144) dispositivo é conceituado como,

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 144).

Compreende-se, assim, que o corpo tal como as identidades, são construídos a partir dos discursos. Logo, um corpo discursivamente construído, não pode ser desvinculado dos atos linguísticos que os nomeiam e constituem. Moreira (2011, p. 2919) ressalta que, no ato de nomear, “[...] as posições sociais de quem nomeia e do que é nomeado devem ser obedecidas, e essas posições revelam quem tem poder e autoridade para nomear e quem, ou o que, está subordinado a esse poder”. Bourdieu (1996, p. 87), destaca que “[...] o poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz”, diante disso, criam-se como forma de serem aceitos, os estereótipos são desejados, construídos a partir dos discursos que ecoam dentro dos grupos sociais e da própria sociedade. Ressalta-se que os grupos sociais estão imersos em um contexto social e não separados atuando de forma independente e distinta. São, sim, independentes em uma relação de simbiose. Assim, pode-se dizer que o estereótipo é uma simplificação falsa de representação de uma dada realidade porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar a diferença, constitui um problema para a representação do sujeito nas relações sociais. Albuquerque Jr (2010) afirma que:

O discurso da esteriótipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma

voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 20).

Para além de uma superficialidade, o estereótipo requer, para uma significação bem-sucedida, uma cadeia contínua e repetida de outros estereótipos. Sempre as mesmas histórias devem ser contadas sobre um determinado elemento da identidade cultural, para garantir sua eficácia. Isto aparece como um reconhecimento espontâneo e visível da diferença. No entanto, Bhabha (2005) afirma que “[...] o estereótipo é uma pré-construção ou uma montagem ingênua da diferença que autoriza a discriminação”.

Compreende-se, assim, que o corpo tal como as identidades, são construídos a partir dos discursos. Para Silva (2000, p. 81) “[...] a identidade e a diferença são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”, onde a “[...] identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística” (SILVA, 2000, p. 76). Logo, um corpo discursivamente construído, não pode ser desvinculado dos atos linguísticos que o nomeiam e constituem. Ressalta-se que, toda política identitária é “anti-diversitária”, uma vez que a identidade não apenas não comporta, mas sim segrega toda e qualquer singularidade, “minoritiza” nos sistemas de classificação, em palavras de Campbell (2000). Diante disso, objetivou-se compreender as autoneomeações e autoclassificações praticadas em aplicativos de interação afetivo sexual norteando-se pelo marcador de raça no Brasil.

2 METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada configura-se enquanto um estudo qualitativo de cunho documental, apoiado em pesquisa bibliográfica, sob a forma de cartografia. Alicerçando-se em tal construção cartográfica e norteando-se por meio da compreensão tanto do dispositivo histórico da sexualidade, quando das linhas constitutivas do mesmo além das relações sociais simbióticas desenvolvidas no domínio das sexualidades humanas, sob os recortes das homossexualidades e do marcador social de raça, se pode vislumbrar o cenário no qual se desenvolve o estudo aqui apresentado, uma vez que o mesmo faz uso da compreensão deleuzeana acerca do “[...] desemaranhar das linhas constitutivas de um dispositivo” (DELEUZE, 1990, p.155) como forma de aproximação e análise de um determinado objeto por meio de viés pós estruturalista de base foucaultiana.

Assim, tem-se o entendimento de que a cartografia se constrói à medida que os afetos se manifestam, criando um território e, conseqüentemente, uma paisagem psicossocial cartografável (ROLNIK, 1989; DELEUZE, 1990; GUATTARI; ROLNIK, 1996). Compreende-se que os objetos de análise carregam em si sua própria teoria, pois tem em sua constituição uma construção própria de natureza singular. Logo, tentou-se compreender as estratégias de manifestação do desejo no campo social.

O corpus da pesquisa fora cartografado utilizando o *Scruff* e o *Grindr* (aplicativos mobile de interação social utilizado por homens que buscam relacionar-se afetivo-sexualmente com outros homens), recorrendo-se à técnica de Mineração de Textos por meio dos softwares *Voyant Tools* (<https://voyant-tools.org/>) e *Wordcounter* (<https://wordcounter.net/>), permitindo a visualização de correlações, coocorrências, fluxos e dispersão de temáticas textuais. As ferramentas utilizadas para este estudo foram a nuvem de *tags*, o gráfico de links e a análise da densidade dos termos de forma a compreender o corpus de 3.086 palavras extraídas de 1.126 títulos de perfis de usuários.

Nesse interim, é importante compreender que, os perfis foram selecionados segundo os dados que os usuários forneciam em três campos específicos, a saber: os campos de identificação racial (espaço específico destinado a raça ou na descrição do perfil), a fotografia, quando a mesma, era disponibilizada pelo usuário e o título do perfil. Assim, perfis que apresentavam no título e/ou em sua descrição nomenclaturas que são comumente associadas a imagem do corpo negro homossexual masculino (negro, preto, mulato, negão, entre outros), que apresentavam fotografias, além de terem assinalado a questão negra no espaço para a identificação racial, foram inseridos no universo do estudo. Da mesma forma, a exclusão ou não inclusão de perfis no universo foi realizada quando por algum motivo, o usuário não preenchia ou deixava dúvidas acerca de sua raça, um exemplo disso seriam perfis que apresentavam apenas um título que fazia alusão ao corpo negro, mas não apresentavam descrição ou preenchimento do campo de identificação racial ou fotografia.

Em última etapa utilizou-se da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para identificação dos principais assuntos contemplados no corpus, de forma a melhor compreender os assuntos emergentes dos perfis.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Avtar Brah (2006, p. 351) afirma que “[...] estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” em consonância com Brah (2006) Davis (2017, p. 22) é taxativa ao afirmar que “[...] as raízes do sexismo e da homofobia se encontram nas mesmas instituições econômicas e políticas que servem de base para o racismo”, tal afirmação acerca do cenário norte-americano aplica-se de forma contundente ao cenário brasileiro, uma vez que, o país utilizou-se de mão de obra escrava durante 338 anos (1550-1888). Segundo Moura (1988, p. 14) “[...] o escravo negro foi, em algumas regiões, a mão de obra exclusiva desde os primórdios da colônia. Durante todo esse período, a história do trabalho é, sobretudo, a história do escravo”. Tal sistema socioeconômico coisificou o negro esvaziando o mesmo de sua humanidade para que o mesmo fosse bestializado e comercializado enquanto coisa, mercadoria, bem e mão de obra que movimentou a economia brasileira durante todo o período colonial (1500-1822) e quase a totalidade do Brasil Império (1822-1889). Cabe ressaltar que, “[...] o racismo é uma relação social, não um simples delírio de sujeitos racistas” (BALIBAR; WALLERSTEIN, 2010, p.41).

Segundo Farias (2016, p. 41) “[...] no Brasil, a medida inicial para pôr fim ao tráfico de africanos ocorre nas primeiras décadas do século XIX, tendo sua implementação efetiva somente em 1850”. Esse processo de transformação do regime econômico baseado no trabalho compulsório foi de forma progressiva uma transformação também no dispositivo de controle social, que se adaptou para melhor servir ao poder, uma vez que, “[...] a situação se renova, mantendo traços do regime anterior” (SANTOS, 2016, p. 41). Moura (1988, p.65) ao referir-se a esse processo reitera que nesse processo “[...] complexo e ao mesmo tempo contraditório da passagem da escravidão para o trabalho livre, o negro é logrado socialmente e apresentado, sistematicamente, como sendo incapaz de trabalhar como assalariado”.

A extensão do impacto social causado pela construção social que balizou todo o entendimento acerca das relações de raça no Brasil é evidenciado por Corrêa (1998, p. 53) a afirmar que “[...] Antes de ser pensada em termos de cultura, ou em termos econômicos, a nação foi pensada em termos de raça”, o modelo que imperou por três séculos e meio era a família patriarcal escravagista, ilustrada por Santos (1985, p. 302) “[...] no centro,

absoluto, o macho branco; à sua volta, em círculos concêntricos, e pela ordem: seus familiares de sangue, agregados brancos e mestiços e, por último, índios e negros”.

Nesse interim, Bourdieu (2005, p. 142) afirma que

O conhecimento do mundo social e, mais precisamente, as categorias que o tornam possível são o que está, por excelência, em jogo na luta política, luta ao mesmo tempo teórica e prática pelo poder de conservar ou de transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo.

Logo, “[...] para entender as relações raciais, colocando-se no terreno político e epistemológico de desconstrução mental [...]” (GOMES, 2009, p. 429), resignificando e descolonizando conceitos e categorias, torna-se essencial para o rompimento do que fora construído sobre a questão não apenas racional, mas também das sexualidades que permeiam este estudo.

Segundo Bourdieu (2002) como se trata de construir e representar uma categoria social dominada (Negro e Homossexual), ou seja, constituída sobre termos negativos, deve-se levar em consideração que sua representação envolve o rompimento com as categorias de percepção que fundamentam a inferioridade. Esse rompimento permitiria que experiências vividas de forma tácita ou dissimulada ganhassem visibilidade a partir de sua enunciação pública e que se construam em signos de pertencimento a um grupo social, a uma identidade.

Michael Pollak (1989) percebeu que:

Para certas vítimas de uma forma limite da classificação social, aquela que quis reduzi-las à condição de “sub-homens”, o silêncio, além da acomodação ao meio social, poderia representar também uma recusa em deixar que a experiência do campo, uma situação limite da experiência humana, fosse integrada em uma forma qualquer de “memória enquadrada” que, por princípio, não escapa ao trabalho de definição de fronteiras sociais. É como se esse sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado (POLLAK, 1989, p. 15).

Quando se trata de corpos negros relacionada a homens e esse corpo designa um sujeito homossexual, a repulsa aos olhos da sociedade é ainda maior. Estereótipos construídos de forma a legitimar as desigualdades sociais e raciais, colocando o sujeito branco como superior para legitimar as invasões em territórios não ocidental, foram pautados na concepção de corpos negros. Segundo Medeiros (2018) pesquisadores de grande relevância nacional que abordaram o tema da escravidão e do racismo, se dedicaram aos limites “do nacional”, criando a categoria nacional: o “negro”.

O negro, enquanto categoria, é uma espécie de filtro das diferenças étnicas, unificando-as em torno de um “novo sujeito” alocado em um não lugar, ou seja, abjetificado, nas palavras de Frantz Fanon (2008, p. 26) uma “zona de não ser”.

Segundo Fanon (2008), um homem negro não é um homem e sim um negro, nesse sentido tudo que é atrelado ao corpo do sujeito negro é tratado como objetificação. Tal entendimento foi certificado e consolidado por estudos de natureza “racista pessimista” (PEREIRA; SILVA, 2007, p.77) como o de Rodrigues (1938), “racista otimista” (PEREIRA; SILVA, 2007, p.78), como o de Vianna (1956) além do racismo de (ROMERO, 1902, 1906, 1949; SEYFERTH, 1988,1991, 1994, 1995; VAINER, 1990).

A denominação de Medeiros (2018) atribuída ao “Negro” enquanto “novo sujeito” se torna adequada e compreensível, uma vez que, se é um novo sujeito, seu passado é nebuloso, pouco compreensível e “borrado” pela ação dos grupos hegemônicos que não apenas escravizaram, mas também trataram de apagar toda a narrativa histórica acerca do corpo negro, alocando os descendentes de africanos no Brasil a condição abjeta, sendo os mesmos retratados sociologicamente em dois momentos: o escravo e o negro.

Para Hall (1997) o corpo negro é encarado como um texto lido pelo olhar da branquitude. Nesse sentido, as pessoas negras são identificadas por quem tem o direito a observação, a fala e a representação, ou seja, ser negro diante o branco (FANON, 2008). No primeiro contato com os corpos negros, diversos experimentos foram feitos utilizando-se das ciências naturais baseada na classificação de animais e vegetais. Nesse sentido, distinções raciais são dadas de modo a afirmar uma supremacia branca em oposição à uma inferioridade negra. Tanto a Zoologia quanto a Botânica valeram-se deste discurso na classificação de animais e vegetais como modo de legitimar as relações de dominação e sujeição entre classes sociais na França (MUNANGA, 2003).

A partir dos experimentos, exposição de corpos negros como forma de denominá-los como seres inferiores aconteceu em ambos os gêneros. Conforme Damaceno (2008) Khoi-San, jovem sul africana, conhecida como Sarah Baartman, a Vênus Hotentote, nascida em 1789, foi um corpo feminino utilizado cientificamente para provar a inferioridade da mulher negra. O corpo de Sarah, por ser um corpo grande (em específico, as nádegas e os grandes lábios), atuou como referência na percepção de superioridade do homem branco e serviu de espetáculo científico europeu durante muitos anos. Mesmo depois de sua morte, em 1815, parte de seu corpo ainda permaneciam em exposição, conforme Damaceno (2008),

A exibição pública de Baartman não cessou com a sua morte em 1815. Ela deveria ceder à ciência de uma maneira definitiva o que tinha de mais importante e, assim, após ser dissecada por Cuvier¹, sua genitália, seu esqueleto e o molde de seu corpo passaram a ser expostos publicamente no Museu do Homem de Paris até 1985 (DAMACENO, 2008, p. 4).

A avaliação entorno do corpo negro, feita por meio da dissecação, no século XIX por procedimentos da medicina, serviu como práticas discursivas para diferenciação entre corpo negros e corpos brancos construindo a inferioridade e superioridade via racialização. Além de tratar o homem negro e a mulher negra como algo diferente, suas genitálias serviram para demonstração e também para estereotipação e fetichismo. Com relação ao homem negro a exposição se pautou no pênis avantajado, o que serviu para homogeneizar todos os homens negros no imaginário branco europeu enquanto sua sexualidade.

Nesse sentido, os homens negros se transformam em ameaças aos homens brancos em relação a sexualidade (SOUZA, 2009) e tornaram-se alvo para incluí-los situação privativa de liberdade seja em presídios ou em manicômios, quando estes se tornam ameaça na estrutura brancocentro de poder.

Portanto, estereótipos baseados na sexualidade masculina tanto feminina da pessoa negra serviram e ainda servem para essencializar e por este motivo fixar significados negativos que desumanizam tornando estes sujeitos em objetos.

Os significados surgem em uma relação triádica na mente humana (SANTAELLA, 2000). Se o significado é oriundo de signos que origina uma ideia na mente do indivíduo, portanto este é equivalente uma representação. As representações são criadas em contextos sociocultural e discursivos, essa questão nos remete a teoria das representações sociais evidenciada primeiramente como representação coletiva por Émile Durkheim e posterior por Serge Moscovici com o termo representação social, já que as representações sociais não se dão somente via indivíduo, mas por meio da interação entre o indivíduo e o coletivo.

A representação social, nos auxiliam no modo de nomear conjuntamente os diversos aspectos da realidade, sua materialidade se manifesta via discurso, manifestada eventualmente por palavras via mensagens e/ou imagens midiáticas (JODELET, 2001). Não é o foco deste estudo se aprofundar na Teoria das Representações sociais, mas é bom evidenciar que o estereótipo surge do senso comum, é uma representação que pode ser, tanto positiva quanto negativa construída na interação entre indivíduo e o coletivo, ou seja,

¹ “Cuvier foi um dos cientistas mais renomados da época e seu estudo sobre a Vênus Hotentote, serviu para universalizar idéias sobre o modo de ser da mulher negra” (DAMACENO, 2008, p. 5)

o estereótipo se configura em uma representação social. Estas representações, de certa forma, aprisionam o corpo, “[...] produzem estratégias de endosso, contestação e ressignificação dos estereótipos e mitos” (SOUZA, 2017, p. 3). Portanto, o corpo negro se configurou e se configura durante longo tempo em um corpo que carrega as representações negativas que os julgas como inferiores, objetificados e animalizados.

O estereótipo como estratégia discursiva, disseminada geralmente pelas mídias, demarca e reafirma hierarquia de opressão (SOUZA, 2017). Essa demarcação e a hierarquia de opressão, vinda de período colonialista que demarcava a barbárie e a civilização (BHABHA, 2005), ou seja, o que não é civilizado era tido como bárbaro e nesse sentido suscetível a estereotipação que nomeia e classifica o indivíduo tendo como parâmetro uma perspectiva ocidental é tida como não civilizada como veremos nos resultados a seguir.

4 RESULTADOS

Diante do que fora observado no decorrer deste estudo se pode compreender que a figura do corpo negro, especificamente do corpo negro homossexual tem sua existência condicionada aos padrões sociais e ao próprio desejo do discurso hegemônico que norteia as relações sociais. Ressalta-se que no mundo virtual, cria-se um espectro, uma performance que se ancora no desejo. Tal entendimento engloba o entendimento de si, onde “[...] compreender a si mesmo e [...] arquitetar a sociabilidade através da compatibilidade afetiva” (ILLOUZ, 2011, p. 110), ou seja, a construção desse espectro no mundo virtual é fruto de uma negociação entre aquilo que o sujeito é, aquilo que ele percebe de si e aquilo que o outro deseja dele.

A construção de um espaço de socialização seguro e diferenciado do mundo real ou de um gueto urbano onde determinada minoria ou grupo social sinta-se confortável em manifestar seus desejos e práticas sem receios e/ou represálias torna o mundo virtual um espaço atrativo, acessível e seguro.

CERTEAU (1998) afirma de forma contundente que é nos espaços “invisíveis” que existe a possibilidade de encontrar “[...] os praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 1998, p. 171), esses espaços são descritos por Eribon (2008, p. 127) que afirma, que “[...] o espaço público é heterossexual e os homossexuais são relegados no espaço da sua vida privada”. É necessário compreender que os espaços “íntimos” e/ou “privados” os quais os autores se referem certificam a existência condicionada a qual os sujeitos praticantes de modalidades alternativas de sexualidades são submetidos em prol de uma existência subalterna, tendo suas representações nos “armários”, “guetos”, “becos” e “porões” “[...] íntimos de cada ser desviante, locais subjetivamente repressivos e institucionalizados pela sociedade heteronormativa dominante, como os únicos lugares possíveis para as manifestações afetivas e sexuais dos indivíduos homossexuais e/ou transgressores da norma” (SOUZA, 2019, p. 39). Cabe ressaltar que, os dois mundos coexistem, bem como os sujeitos que neles transitam:

A cidade, como escreveu o sociólogo Robert Park, em 1916, faz coexistir “um mosaico de pequenos mundos sociais”. E esse encaixamento de mundos sociais oferece aos indivíduos a possibilidade de pertencer a vários universos ao mesmo tempo e de ter por conseguinte várias identidades sociais, com frequência [sic], nitidamente separadas umas das outras: profissional, étnica ou religiosa, sexual [...] por conseguinte, um homossexual pode participar do “mundo gay” sem perder seu lugar no mundo heterossexual: ele terá, então, duas (ou várias) identidades; uma, ligada à sua inserção profissional (ou sua origem étnica) e outra, ligada ao tempo de lazer; uma identidade para o dia e outra para a noite e os fins de semana (o que, com frequência [sic], engendrou a tensão inerente às dificuldades da “dupla vida”, mas também permitiu que muitos homossexuais resistissem à opressão e à marginalização) (ERIBON, 2008, p. 41).

Logo, se pode compreender que “[...] hegemônicos e subalternos não estão definidos essencialmente, mas sim como sujeitos políticos engajados em jogos de poder e dominação que ocorrem em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação” (PINHO, 2004, p.65). Partindo-se do pressuposto de que “[...] a masculinidade é uma experiência coletiva em que um homem busca reconhecimento através de práticas com as quais conquistará visibilidade e status social perante seu grupo [...] passível de variação conforme região, classe, origem étnica, religião.” (SOUZA, 2013, p.36), para além de que “[...] a masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adeque a seus preceitos” (OLIVEIRA, 1998, p.4) logo, pode-se perceber que “[...] o que se encontra em disputa no caso da masculinidade negra é a posição de falar sobre si e sobre a sociedade, a possibilidade de construir um discurso sobre sua condição subalterna na sociedade racista e sexista” (ROSA, 2006, p.4).

Tal compreensão pode ser vislumbrada nas Figuras 1 e 2 e na Tabela 1, os termos de maior ocorrência na amostra foram listados e sua relação com a corporeidade negra e/ou atributos da personalidade dos sujeitos que os afastam de qualquer estereótipo homossexual, reafirmando sua masculinidade, tais como: discreto, negro, ativo, preto, dotado, utilizando-se termos em conjunto ou separado, são os descritores de maior ocorrência. Este fato tem a ver com a ideologia do racismo que impregnou no imaginário social os estereótipos atrelados ao corpo negro desde o período colonial. Segundo Caneiro (2016, p.13) “[...] o racismo é um sistema de dominação, exploração e exclusão que exige a resistência sistemática dos grupos por ele oprimidos”, objetificando e tornando o sujeito negro desumanizados. Tal entendimento, repercute na colonialidade do poder, saber e do ser manifestadas em representações simbólicas de forma negativa na sociedade.

Tabela 1 - Densidade dos termos que compõem a amostra analisada segundo sua ocorrência e composição

Uma Palavra			Duas Palavras			Três Palavras		
Termo	Ocorrência	%	Termo	Ocorrência	%	Termo	Ocorrência	%
Discreto	375	19	Ativo Discreto	86	11	Negro Ativo 23 Cm	17	14
Negro	344	18	Negro Ativo	43	5	Negro Ativo GG	14	12
Ativo	196	10	Preto Dotado	35	4	Ativo Discreto Dotado	10	8
Preto	176	9	Negro Dotado	33	4	Nagão da Piroca	10	8
Dotado	84	4	Amigo Negro	26	3	Cm Negro Ativo	6	5
Brotheragem	68	4	Preto Ativo	26	3	Ativo Discreto Broter	5	4
Mulato	50	3	Negro Fudedor	25	3	Negro Vila Velha	2	2
Sigilo	45	2	Preto Baiano	24	3	Bissexual Macho Discreto	1	1
Macho	36	2	Macho Discreto	19	2	Macho Discreto de	1	1
Amigo	26	1	Negro Atv	19	2	Discreto de SP	1	1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Na Tabela 1 se pode observar que o fato do termo “discreto” está em maior ocorrência entre os demais significa que o corpo negro serve somente para o prazer proibido de pessoas brancas, já que estes corpos não servem para relacionamento duradouro quando estes não possuem bens e poder, por serem corpos colonizados e tratados como coisas, supérfluas, sem nenhum valor.

5 CONCLUSÕES

Compreender a construção social do negro no Brasil, faz com que se possa vislumbrar a forma perversa com que o corpo negro foi alocado em um sistema de poder que se instaurou utilizando-se de todo um mecanismo de controle social que diminui, abjetifica e certifica o poder ancorando-se sobre estereótipos e construções superficiais que se alastram tanto em direção horizontal como vertical na sociedade, sendo interseccionado por variáveis como econômico, político e cultural, sendo atravessados por marcadores da diferença como a sexualidade, o gênero e a geração.

Nesse interim, em função na natureza abjeta com que o corpo negro foi historicamente construído tendo sua existência condicionada, às práticas laborativas e da exploração da sua força de trabalho seja ela no engenho, na lavoura ou como reprodutor

onde o a hipermasculinização dos corpos tornaram os sujeitos vítimas de suas representações falocêntricas, o desejo se relaciona intimamente a objetificação dos corpos, engendrando uma complexa tessitura de silenciamento e de exclusão social. Assim, em sua autoclassificação, os sujeitos utilizam-se termos que provocam deslizamentos de sentido, afastando-os da identidade homossexual e reforçando sua masculinidade, baseando-se em estereótipos e preconceitos criando e certificando toda uma hierarquia ancorada no machismo e que se utiliza de forma profunda dos marcadores da diferença de forma a certificar discursos hegemônicos. Discursos esses, utilizados anteriormente para marginalizar os sujeitos, alocando-os de forma abjeta no âmbito social.

Logo, se pode perceber ao termino das análises que os sujeitos negros e praticantes de modalidades alternativas de sexualidade internalizam o dispositivo de controle social sob o marcador da diferença de forma a se autoafirmarem frente a sociedade que os segrega condicionando-os a uma existência que só é possível sob a vivificação do estereótipo da masculinização, hipervirilização além de atrelar tais estereótipos ao imaginário social falocentrico. Tal configuração da sociedade, delineia uma economia do desejo tão perversa quando o sistema econômico baseado no trabalho compulsório (escravidão) onde só se pode existir de uma forma cristalizada para a satisfação do desejo de um grupo hegemônico instaurado historicamente pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Race, class and nation: ambiguous identity**. Londres, verso, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições70. 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p.329-376, jan.-jun., 2006.
- BURKE, Peter. "Geschichte als soziales Gedächtnis". In: ASSMANN, A.; HARTH, D. **Mnemosyne, formen und funktionen kultureller erinnerung**. Frankfurt, 1991.
- CAENEIRO, Sueli. Entrevista. **Margem esquerda**. Boitempo editorial. São Paulo, n. 27, p. 11-21, outubro de 2016.
- CAMPBELL, D. Grant. 2000. Queer theory and the creation of contextual subject access tools for gay and lesbian communities. **Knowledge organization**, v. 27, n. 3, p. 122-131. doi:10.5771/0943-7444-2000-4
- CARNEIRO, Sueli. Entrevista. **Revista Margem Esquerda**, n. 27. Boitempo: São Paulo, 2016.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CORRÊA, Marisa. **Ilusões da Liberdade**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 1998.
- DAMASCENO, Janaína. "Corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote". In: FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DELEUZE, Gilles. "¿Que és un dispositivo?" In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2008.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras brancas**. Salvador: UFBA, 2008.
- FARIAS, Marcio. Pensamento social e relações raciais no Brasil: a análise marxista de Clóvis Moura. **Margem esquerda**. Boitempo editorial. São Paulo, n. 27, p.38-43, outubro de 2016.
- FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Sobre a história da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- GOMES, Nilma Lino. Intelectuais Negros e Produção do Conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES,

- Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 419-441.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio, 1997.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. España/Argentina: Siglo XXI, 2002.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MEDEIROS, Priscila Martins. Rearticulando narrativas sociológicas: teoria social brasileira, diáspora africana e a desracialização da experiência negra. **Soc. estado.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 709-726, dez. 2018.
- MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear- da construção de categorias de gênero até a abjeção. In: XIV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro. v. XIV, n. 4, tomo 4, 2011. p. 2914-2926.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo, Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**, Niterói, UFF, n. 5, p. 15-34, 2003.
- OLIVEIRA, Pedro P.M. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 91-112, 1998.
- PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. Três faces do desafio acadêmico à implementação da lei nº 10.639/03: a face filosófica, a face teórica e a face epistemológica. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.). **Educação, arte e literatura africana de língua portuguesa: contribuições para a discussão da questão racial na escola**. Rio de Janeiro: Quartet; NEAB-UERJ, 2007. p. 59-86
- PINHO, Osmundo. “Qual é a identidade do homem negro?”. **Revista Democracia Viva**, n. 22, p. 64-69, jun/jul 2004
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 07 Nov. 2019.

- REVEL, Judith. "Nas origens do biopolítico: de Vigiar e punir ao pensamento da atualidade". In: J. Gondra. & W. Kohan (Orgs.), **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, Raymundo Nina. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1938.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.
- ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympio. 1949.
- ROMERO, Silvio. **O Alemanismo no Sul do Brasil**. Seus Perigos e Meios de os Conjurar. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro. 1906.
- ROMERO, Silvio. **O Elemento Português no Brasil**. Lisboa: Tipografia da Cia. Ed. Nacional. 1902.
- ROSA, Waldemir. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero VII - Gênero e Preconceitos, 2006, Florianópolis. **Anais... Fazendo Gênero VII**. Florianópolis: Editora Mulheres, v. 1. p. 1-7, 2006.
- SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.
- SANTOS, Joel Rufino dos. O movimento negro e a crise brasileira. **Política e Administração**, v. 2, Jul./Set. 1985.
- SEYFERTH, G. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário Antropológico 1993**, p. 175-203. 1995.
- SEYFERTH, Giralda. O incidente do Panther (Itajaí, S.C., 1905): estudo sobre ideologias étnicas. **Antropologia Social: Comunicações do PPGAS**, n.4, p. 15-80, 1994.
- SEYFERTH, Giralda. Os paradoxos da miscigenação: observações sobre o tema imigração e raça no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n.20, 1991.
- SEYFERTH, Giralda. **Colonização e conflito: estudo sobre "motins" e "desordens" numa região colonial de Santa Catarina no século XIX**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional-UFRJ, 1988.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUSA, Nomager Fabíolo Nunes de. **Por banheiros, ruas e pontes recifenses: os trajetos homoeróticos do "estrangeiro" Tulio Carella na obra Orgia**. 2018. 49 f. Trabalho de

Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. LÁ VEM O NEGÃO: DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS SEXUAIS SOBRE OS HOMENS NEGROS. In. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499020802_ARQUIVO_L_AVEMONEGAOFINAL.pdf

SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de. As Representações do Homem Negro e suas Conseqüências. **Revista Fórum Identidades**, v. 6, p. 98-115, 2009. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/5500>. Acesso em: 15 dez.2019

SOUZA, Rolf R. "Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente". **Revista Antropolítica**, n.34, p. 35-52, 2013.

VAINER, C. Estado e raça no Brasil: notas exploratórias. **Estudos Afro-asiáticos**, n.18. Rio de Janeiro: UCAM, 1990.

VIANA, Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. 4 ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1956.

NOTAS

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Os papéis descrevem a contribuição específica de cada colaborador para a produção acadêmica inserir os dados dos autores conforme exemplo, excluindo o que não for aplicável. Iniciais dos primeiros nomes acrescidas com o último Sobrenome, conforme exemplo.

Concepção e elaboração do manuscrito: F. A. Nascimento, G. dos S. Lima

Coleta de dados: F. A. Nascimento, G. dos S. Lima

Análise de dados: F. A. Nascimento, G. dos S. Lima

Discussão dos resultados: F. A. Nascimento, G. dos S. Lima

Revisão e aprovação: F. A. Nascimento, G. dos S. Lima

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Encontros Bibli** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Edgar Bisset Alvarez, Ana Clara Cândido, Patrícia Neubert e Genilson Geraldo.

HISTÓRICO

Recebido em: 27-05-2022 – Aprovado em: 05-11-2022 - Publicado em: 30-11-2022.

